

Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Núcleo de Formação Docente
Curso de Licenciatura em Pedagogia

Jessica Priscila Garcia de Souza

As concepções sobre feminismo de meninas do 3º ano do Ensino Médio
de uma escola da rede pública estadual do município de Caruaru.

Caruaru

2017

Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Núcleo de Formação Docente
Curso de Licenciatura em Pedagogia

Jessica Priscila Garcia de Souza

As concepções sobre feminismo de meninas do 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública estadual do município de Caruaru.

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (CAA), para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Allene Lage

Caruaru

2017

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4 - 1242

S729c Souza, Jessica Priscila Garcia de.
As concepções sobre o feminismo de meninas do 3º ano do ensino médio de uma escola da rede estadual do município de Caruaru. / Jessica Priscila Garcia de Souza. – 2017.
53f. ; 30 cm.

Orientadora: Allene Carvalho Lage
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Pedagogia, 2017.
Inclui Referências.

1. Feminismo. 2. Ensino médio. 3. Gênero. I. Lage, Allene Carvalho. (Orientadora).

370 CDD (23. ed.)

UFPE (CAA 2017-029)

Universidade Federal de Pernambuco
Centro Acadêmico do Agreste
Núcleo de Formação Docente
Curso de Licenciatura em Pedagogia

Avaliação Final de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Aluna: Jessica Priscila Garcia de Souza

Título do Trabalho: As concepções sobre feminismo de meninas do 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública estadual do município de Caruaru.

Monografia (x)

Artigo Científico ()

Data da defesa: 07 de fevereiro de 2017

Orientador: _____

Profa Allene Lage

Nota: _____ ()

Avaliadora 1: _____

Profa Elizabeth Maria da Silva

Nota: _____ ()

Avaliadora 2: _____

Profa Emanuely Arco Iris Silva

Nota: _____ ()

Nota final: _____ ()

Aprovado (x)

Aprovado com correções ()

Não aprovado ()

Comentários (caso necessário): _____

*À todas as mulheres que, de alguma forma,
lutam contra o sistema opressor de nossa
sociedade. Seguiremos em marcha até que
todas sejamos livres.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e meu pai, por tudo que eles sempre fizeram e fazem por mim, por acreditarem em mim e incentivarem meus sonhos. Através de seu amor e dedicação ajudaram a formar quem eu sou hoje, e sem eles eu não teria chegado até aqui. Ao meu namorado, por estar sempre ao meu lado, sendo o melhor amigo e companheiro, me impulsionando a ir mais longe e incentivando meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico.

Às/aos minhas/meus amigas/os, que sempre estiveram comigo. Em especial Vanessa, que é a melhor amiga que eu poderia ter e sempre embarca em meus sonhos e ideias; Érika, que com suas loucuras e impulsos me ensinou a ser menos presa às normas da sociedade; e Filipe, companheiro de tantos trabalhos acadêmicos, que me ajudou a desenvolver minha capacidade de redigir textos. E claro, nossas fugas para o Jamba, que nos trouxeram tanta diversão e nos ajudou a sobreviver à academia. Agradeço também às minhas amigas Karla, Ingrid, Mandy, Gabi e Cris, que me mostram todos os dias o que é amizade, carinho e companheirismo, e que eu sempre poderei contar com elas.

Agradeço às/aos minhas/meus professoras/es da UFPE – CAA, que me formaram não só como profissional, mas como pessoa. Ao professor Paulo Davi (*in memoriam*), que me mostrou que a música pode, e deve estar na sala de aula e que me proporcionou participar de uma disciplina tão maravilhosa como foi a de Tópicos Especiais em Educação Musical. A professora Allene Lage, que me acompanhou durante muito tempo nos projetos, como o Observatório e o Pré-Acadêmico, e me ensinou lições muito valiosas, que levarei por toda minha vida.

Agradeço ao Observatório dos Movimentos Sociais e todas/os as/os que participaram dele, pois através de nossos estudos e projetos me aproximaram de temáticas muito importantes para a minha vida, como o estudo de relações de gênero e feminismo, que mudou minha forma de ver o mundo e me incentivou a lutar contra as opressões ainda existentes em nossa sociedade. E por fim, agradeço imensamente à Marcha Mundial das Mulheres e todas as que a fazem, por me acolherem e me ensinarem sobre feminismo e sororidade todos os dias.

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos. Seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade.

Simone de Beauvoir

RESUMO

Sabemos que é na adolescência que a sexualidade é geralmente desenvolvida, e que por isso, nessa fase as imposições da sociedade patriarcal têm um grande peso na vida das meninas adolescentes. Pensando nisto, esta pesquisa tem como objetivo geral conhecer que compreensões sobre feminismo as meninas constroem em suas trajetórias até o Ensino Médio. Como estratégia, adotou-se uma pesquisa qualitativa, em uma escola da rede pública estadual do município de Caruaru, Pernambuco. As estudantes do 3º ano do Ensino Médio, sujeitos da pesquisa, relataram suas concepções acerca do feminismo, da mulher e do mercado de trabalho e o papel da escola na discussão das relações de gênero. Através do Método do Caso Alargado, esta pesquisa analisou as percepções sobre a necessidade da discussão de relações de gênero e de feminismo nas escolas, promovendo a reflexão das/os estudantes e buscando romper com os estereótipos do que é ser homem e ser mulher entre as/os adolescentes. É possível perceber que as meninas adolescentes possuem conhecimento do feminismo e da importância da desconstrução das dicotomias homem/mulher, que colocam o homem em posição superior, tornando a mulher submissa. Dessa forma, essas adolescentes buscam problematizar o tema feminismo em sala de aula, buscando ferramentas para romper com essa condição da mulher para a efetivação de uma sociedade livre do machismo e do patriarcado.

Palavras-chave: Feminismo. Ensino Médio. Gênero.

ABSTRACT

We know that it is in adolescence that sexuality is usually developed, and that is why, at this stage, the impositions of patriarchal society play a heavy role in the lives of teenage girls. Analyzing this, this research has as general objective to know which understandings about feminism the girls construct in their trajectories as students until the High School. As a strategy, a qualitative research was adopted at a state public school in the city of Caruaru, Pernambuco. The students of the 3rd year of High School, protagonists of the research, reported their conceptions about feminism, women and the labor market and the role of the school in the discussion of gender relations. Through the Alargado Case Method, this research analyzed perceptions about the need to discuss gender relations and feminism in schools, promoting students' reflection and seeking to break with the stereotypes of what it is to be a man and to be a woman among the Adolescents. It is possible to see that teenage girls have a knowledge of feminism and the importance of the deconstruction of male / female dichotomies, which put men in a superior position, making the women submissive. Thus, these adolescents seek to problematize the theme of feminism in the classroom, looking for tools to break with this condition of women for the realization of a society free of chauvinism and patriarchy.

Keywords: Feminism. High School. Gender.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1. Relações de gênero	12
1.2. Feminismo	16
1.3. Ensino Médio: uma análise através das normas legais	19
2. METODOLOGIA	23
2.1. Abordagem da pesquisa.....	23
2.2. Método da Pesquisa	24
2.3. Delimitação e local da pesquisa.....	25
2.4. Fontes de informação.....	25
2.5. Técnicas de coleta	26
2.6. Análise e sistematização dos dados	28
3. AS MENINAS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE CARUARU E SUAS CONCEPÇÕES SOBRE FEMINISMO.	29
3.1. Relações de Gênero.....	30
3.2. Feminismo	33
3.3. Ensino Médio: uma análise através das normas legais.....	37
4. ANÁLISE DO CASO	40
4.1. Relações de Gênero.....	43
4.2. Feminismo	44
4.3. Ensino Médio: uma análise através das normas legais.....	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	52

INTRODUÇÃO

A escolha de fazer a pesquisa de TCC sobre relações de gênero se deu por ser um tema que sempre esteve presente em minha vida, mesmo quando eu ainda não tinha consciência do mesmo, por sempre questionar os lugares impostos às mulheres e aos homens na sociedade. Além de ser um assunto muito pertinente de ser discutido na atualidade, e ainda mais na formação de professores, onde vemos discursos distorcidos acerca dos vários tipos de inferiorização da mulher, permeados de sexismo e, portanto, fazendo-se necessária a discussão teórica para se compreender melhor as várias faces dos preconceitos de gênero. Tendo ainda a necessidade de discutir tal tema no âmbito educacional, por ser um lugar atingido por tais discussões e onde se constroem relações sociais.

Observando pesquisas publicadas na ANPEd¹, onde consultamos trabalhos publicados no GT 23², das reuniões científicas do ano de 2010 até 2015, na qual selecionamos 36 trabalhos que se aproximavam desse tema de pesquisa. Notamos que tais pesquisas são mais voltadas às questões referentes à afirmação da masculinidade e às relações de gênero na educação infantil.

Essas pesquisas trazem também a mulher e as relações com o feminismo, porém, não traz nenhum trabalho refere-se às adolescentes e mulheres jovens. Essas aparecem no âmbito universitário, havendo uma ausência de pesquisas referem-se à adolescência, quando estão cursando o ensino médio da educação regular. Dos 36 trabalhos analisados, nenhum deles tratava das relações de gênero entre as meninas adolescentes.

Sabe-se que é na adolescência onde as meninas desenvolvem sua sexualidade, portanto, é nessa fase que as imposições da sociedade patriarcal³ têm um grande peso em suas vidas, determinando o que vestir, o que falar, onde ir e como se comportar de modo geral. É também nessa fase onde muitos questionamentos surgem a respeito dessas imposições, em que um segmento de

¹ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, a **ANPEd** é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1976 pela iniciativa de alguns programas de pós-graduação da área da educação.

² Grupo Temático que reúne textos onde se discute sobre Gênero, Sexualidade e Educação.

³ Patriarcado é o sistema no qual o machismo se baseia – é sob ele que se conformaram historicamente os privilégios da classe masculina em relação à classe de mulheres.

adolescentes vai de encontro ao que é imposto sobre seus corpos, rompendo com os paradigmas sociais impostos às mulheres.

Tendo em vista as observações acerca da ausência de pesquisas que contemplam as meninas adolescentes, algumas inquietações nos levam a pensar sobre a seguinte questão problema: **Que compreensões sobre feminismo as meninas constroem em suas trajetórias até o Ensino Médio?**

Esta questão será abordada a partir da visão das teorias feministas, na medida em que traremos as meninas adolescentes como protagonistas dessa pesquisa, pretendendo assim, colaborar com as áreas de educação no âmbito do empoderamento feminino nas relações escolares. O termo tem sido amplamente utilizado nas discussões acerca do feminismo e entende-se que “Empoderamento é um processo de aquisição de ferramentas para combater nossas opressões. É quando nos tornamos mais fortes para desconstruir os papéis que nos impõem e para lutar por equidade” (Geledés, 2015)⁴.

O objetivo geral dessa pesquisa é **conhecer que compreensões sobre feminismo as meninas constroem em suas trajetórias até o Ensino Médio**, e como objetivos específicos 1) Identificar as principais concepções que as meninas do 3º ano do Ensino Médio têm sobre feminismo. 2) Apontar o que as meninas do 3º ano do Ensino Médio pensam sobre o lugar da mulher no mercado de trabalho; 3) Detectar as principais contribuições que as meninas do 3º ano do Ensino Médio alcançaram no Ensino Médio (sala de aula) sobre feminismo e relações de gênero.

⁴ Organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira. <http://www.geledes.org.br/>

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Relações de gênero

O termo gênero, gramaticalmente, significa indivíduos de sexos diferentes ou coisas sexuadas, além de ter significados no português, mas nos últimos tempos tem adquiridos novos significados, posicionando-se no campo do social, diferente do termo sexo, que se posiciona no campo biológico. Para Scott,

O termo “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p. 75).

Quando trazemos o foco do estudo de gênero para o caráter social, não significa que estamos negando seu caráter biológico, mas sim, enfatizando que não é este que determina os papéis das mulheres e dos homens, e sim a construção histórica e social que se faz sobre essas características biológicas.

Na sociedade em que vivemos os papéis de mulheres e homens estão bem determinados, pois as relações de gênero são fruto de padrões sociais. Portanto esses papéis começam a ser desenvolvidos desde antes do nascimento do bebê, quando se prepara um enxoval baseado no sexo da criança, onde o azul é a cor escolhida para os meninos e rosa para as meninas. Depois disso, vem as mensagens da família e de amigos sobre o que se espera desta menina ou deste menino, eles são ensinados pela mãe, pelo pai e pela família sobre esses papéis, e logo depois vem a escola, a mídia, o trabalho e outros meios, para solidificar esses papéis.

Muitas foram as conquistas das mulheres desde o início do movimento feminista, mas é claro o quanto ainda existe de desigualdade de gênero na sociedade, que se precisa avançar. Ao pensarmos em igualdade não estamos tratando do tipo físico, é nítido que mulheres e homens são diferentes, mas igualdade vem no sentido social, de sermos iguais como cidadãos/ãs. Como nos diz Moraes que essa igualdade como cidadão,

É vivermos numa sociedade democrática e justa para todos, pois a democracia deve nascer da igualdade entre homens e

mulheres e evoluir para a igualdade entre toda a espécie humana eliminando as desigualdades de classe (MORAES, 2008, p. 100).

A desigualdade nas relações entre homens e mulheres tem sido construída por normas e valores e consolidados por instituições ao longo do tempo. Desde o início dos registros da história da humanidade o homem é privilegiado em oportunidade e poder. Estamos tão familiarizados a representação de certos papéis sociais, que passamos a acreditar que os mesmos fazem parte da natureza humana; como se fosse natural do homem ser mais racional e da mulher ser mais emocional, o homem mais corajoso e a mulher mais medrosa, entre outras dicotomias.

As relações de gênero são fruto de um processo construído socialmente, como nos diz Moraes que “se inicia ao nascimento e continua ao longo da vida, reforçando a desigualdade existente entre homens e mulheres” (MORAES, 2008, p. 103). Essa desigualdade perpassa pelo âmbito da sexualidade, da reprodução, do trabalho e do exercício da cidadania. Desta maneira, a mulher historicamente tem sido ensinada desde o nascimento que o seu papel é de ser mãe, cuidar dos outros, impondo que seu lugar é no lar, o que a marginaliza dos espaços públicos e das decisões da sociedade. Segundo Louro,

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas (LOURO, 2014, p. 28).

Por isso a importância de se colocar o debate de gênero no âmbito social, pois, como nos diz Louro, “é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos”. (LOURO, 2014, p.26). Desta forma, as explicações para as desigualdades entre os gêneros devem ser buscadas na história, nas disposições sociais e não nas diferenças biológicas.

Assim, se faz necessário entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. Sabemos que o sujeito não se constitui de apenas uma identidade, mas de múltiplas identidades, que não são fixas, se transformam e

podem até, ser contraditórias; o que leva o sujeito à sensação de pertencimento a diversos grupos sociais – sexuais, étnicos, de classe, etc. Um mesmo sujeito é mulher, é negra, é brasileira, é lésbica. Então, concordamos com Louro quando ela diz que é algo que “transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o”. (LOURO, 2014, p.29).

Em se tratando das desigualdades nas relações de gênero, Louro nos aponta pensamentos do filósofo Jacques Derrida (DERRIDA *apud* LOURO, 2014) que diz que o pensamento moderno está marcado pelas dicotomias, onde os dois polos se opõem e onde o primeiro elemento é superior ao segundo. Nas relações homem-mulher, vemos as dicotomias muito presentes e tendo um papel fundamental para impor o lugar de cada um, como por exemplo a dicotomia razão-emoção, que impõe que o homem é o detentor do raciocínio prático e objetivo, enquanto as decisões das mulheres estão permeadas de seu emocional. Julgando então que a mulher é incapaz de decidir sobre qualquer questão de forma racional, pois seu emocional sempre irá permear todas as suas decisões, e que dessa forma não estariam aptas a tomar decisões importantes.

A lógica dicotômica está enraizada em nossa sociedade, e nos faz esquecer que essa oposição é construída e não fixa, se fazendo necessária a desconstrução dessa ideia. Nessa direção Louro afirma que

[...] essa lógica supõe que a relação masculino-feminino constitui uma oposição entre um polo dominante e outro dominado – e essa seria a única e permanente forma de relação entre os dois elementos. O processo desconstrutivo permite perturbar essa ideia de relação de via única e observar que o poder se exerce em várias direções (LOURO, 2014, p. 37).

Essa oposição binária entre os sexos traz como consequência a exclusão dos sujeitos que não se enquadram na forma como o masculino e o feminino são colocados nessa lógica. O que mostra uma grande importância na desconstrução desse pensamento dicotômico dos gêneros.

Os argumentos utilizados sobre as características biológicas do gênero, ainda são as que determinam os argumentos finais nas discussões sobre o tema, seja no âmbito dos diálogos informais, seja elaborado na linguagem científica. O que torna necessário rebater esse tipo de argumento, demonstrando que não são

as características sexuais que dizem o lugar da mulher e do homem na sociedade, mas sim as formas como essas características são valorizadas no meio social.

Através dos estudos feministas, quando se percebeu que a imposição dos sexos se referia aos dois gêneros, observou-se que as concepções de gênero se diferenciam de uma sociedade para outra, e também em uma mesma sociedade através do tempo, ou no mesmo tempo em grupos distintos (religioso, racial, de classe). Isso nos mostra o quanto é importante rebater as ideias de que o sexo biológico é o que determina os espaços de atuação dos gêneros.

Falar de relação de gênero, nos leva automaticamente a falar do corpo. Pois este, além de ser produzido entre as mais variadas relações de poder, é também vivido de forma conflituosa, de modo que implique na coerção, no disciplinamento, subordinação, libertação, entre outros. (MEYER e SOARES, 2004).

O corpo surge, nesse contexto, como um importante elemento dos processos de produção das identidades sociais. Como podemos comprovar no que dizem Meyer e Soares quando falam que “a força corporal foi, por muito tempo, um importante argumento, dentre outros, para explicar a superioridade dos homens sobre as mulheres” (MEYER e SOARES, 2004, p.9). O corpo é, historicamente, parte importante nos processos de produção das identidades sociais e culturais, e, dos processos de hierarquização e desigualdade social.

Graciélma de Fátima da Rosa nos traz o corpo da juventude como um corpo que fala, que mostra, através do modo de vestir, de se portar, de sentar, de andar, os diversos significados que nos levam a/as identidade/s dessas/es sujeitas/os. Rosa fala de um corpo “como possível obra de arte e sobre o quanto jovens se comunicam e expressam desejos, pedidos e recados, através do corpo”. (ROSA, 2004, p.18)

São corpos que falam, mas que a escola, a família, a sociedade como um todo, tentam calar esses corpos, controlando a linguagem corporal dessas/es sujeitas/os, regulando seu comportamento em um padrão aceito pela sociedade. E que, quando a/o sujeita/o não se rende a essa padronização é tida/o como alguém que viola o sentido natural da vida, que sabemos não ser natural, e que sofre consequências por essa transgressão às normas sociais.

1.2. Feminismo

Até se instituir como movimento político e de massas o feminismo passou por longas trajetórias. Tendo início com contestações e questionamentos de mulheres como Olympe de Gouges (França, 1748-1793), Mary Wollstonecraft (Inglaterra, 1759-1797), Jeanne Deroin (França, 1805-1894), Flora Tristan (França, 1803-1844) e Nísia Floresta (Brasil, 1810-1885), que questionavam os papéis da mulher na sociedade, e afirmavam que os mesmos eram uma construção social e não uma condição biológica, é onde temos os primeiros registros de mulheres que foram de encontro ao patriarcalismo imposto às suas épocas. Na história de luta das mulheres, o sufragismo trouxe a pauta do direito ao voto e a participação política.

O movimento sufragista surgiu quando as mulheres, sentindo-se excluídas dos direitos republicanos, passaram a lutar pelo direito de eleger e serem eleitas; o que demandou uma capacidade de organização e de persistência, pois o sufrágio feminino foi uma luta que durou longos anos, que começou com pequenas passeatas e evoluiu para ações que interromperam comícios e questionaram aos candidatos se dariam voto à mulher.

Sobre a reivindicação das mulheres do movimento sufragista⁵, Alves e Pitanguy vem nos dizer

O que as mulheres reivindicavam era tão-somente um direito defendido, em tese, pelas ideias liberais, e recusado, na prática, por um governo composto pelo próprio partido liberal. Só o alcançaram em 1928, como consequência de uma luta que se estendeu por mais de seis décadas (ALVES e PITANGUY, 1985, p.47).

Após a conquista das mulheres do direito ao voto, era claro que esse movimento estava fadado a desaparecer. No entanto, os questionamentos que surgiram com ele, vieram incorporar outros aspectos que configuraram a condição social das mulheres, naquela época.

⁵ Movimento social, político e econômico de reforma, com o objetivo de estender o sufrágio (direito de votar) às mulheres.

Nos anos 1930 e 1940 as reivindicações das mulheres estavam formalmente atendidas, porém na prática não era bem o que acontecia. Essa igualdade se dava devido as condições da época, que com a eclosão de uma nova guerra mundial, era necessário que as mulheres assumissem o mercado de trabalho, visto que os homens precisavam se ausentar para os campos de batalha. Isso só foi dado conta mais tarde, com o fim da guerra e o retorno dos homens para suas casas, as mulheres tiveram que abrir mão de seus atuais postos de trabalho para a retomada do homem ao mercado de trabalho.

Nesse período houve grande contribuição da mídia, que veiculava mensagens enfatizando o lugar da mulher como próprio do espaço doméstico, “as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação enfatizam a imagem da ‘rainha do lar’, exacerbando-se a mistificação do papel de dona-de-casa, esposa e mãe.” (ALVES e PITANGUY, 1985, p.50). Nessa concepção o trabalho externo era desvalorizado em contraposição ao papel de esposa e mãe.

É quando Simone de Beauvoir (1908-1986), em seu livro “O Segundo Sexo” (1949) vem denunciar a desigualdade sexual, afirmando que a condição da mulher se dá através do social e não do biológico. Isto gerou uma onda de questionamentos e estudos de diversas autoras, como Betty Friedan em “A Mística Feminina” (1963), Kate Millet em “Política Sexual” (1970) e Heleieth Saffioti em “A Mulher na Sociedade de Classes” (1976).

A partir da década de 1960, o feminismo veio incorporar outras vertentes de luta além das desigualdades de direitos, como questionamentos quanto as raízes culturais destas desigualdades. E com esses pensamentos veio questionar a ideia de que mulheres e homens já teriam por natureza seus papeis a serem exercidos na sociedade, onde ao homem está delegado os papeis externos, de provedor, e à mulher os papeis internos, devido sua função criadora. Essa diferenciação contribui para mascarar uma hierarquia de poder do homem sobre a mulher.

Na atualidade, o movimento feminista tem reivindicado a igualdade de direitos entre mulheres e homens em todos os níveis, seja no campo público, seja no âmbito privado. Acredita-se que esta ideologia das relações de poder entre os

sexos está baseada mais no social que no biológico. Os comportamentos feminino e masculino são uma criação social, aprendidos ao longo do processo de socialização.

Essa naturalização dos papéis impostos sobre os sexos, implica na inferiorização de um deles, o feminino, como nos trazem Alves e Pitanguy quando dizem que

[...] os teóricos da discriminação de sexo apelam para a “natureza” da mulher para justificar sua posição social subalterna. Sendo ela, “por natureza”, um ser frágil e dependente, legitima-se a assimetria sexual. Este reducionismo biológico camufla as raízes da opressão da mulher, que é fruto na verdade de relações sociais, e não de uma natureza imutável (ALVES e PITANGUY, 1985, p. 56).

A implicação dos papéis “naturalmente” impostos aos sexos, provoca as relações de poder, onde o sexo masculino é o gênero dominante, e o feminino o dominado, sob a figura da subalternização, do silenciamento e da opressão. Foucault (1987) nos traz em suas análises sobre o poder uma desorganização das ideias comuns que temos sobre o poder.

Para ele não há um polo que seja um detentor do poder, mas sim que este é exercido pelos sujeitos através de suas relações e ações. Para ele, este exercício do poder só é possível de ser exercido sobre os sujeitos que podem resistir a ele, caso contrário, a relação é de violência.

Para Louro, essa análise feita por Foucault

[...] não significa, no entanto, desprezar o fato de que as mulheres (e também os homens que não compartilham da masculinidade hegemônica) tenham, mais frequente e fortemente, sofrido manobras de poder que os constituem como o *outro*, geralmente subordinado ou submetido – mas tais manobras não as/os anularam como sujeitos (LOURO, 2014, p.44).

Isso significa pensar que, apesar das mulheres estarem em uma posição de subordinação e grande parte das situações sociais, elas têm a possibilidade de resistência, e de quebra dessa relação. “A resistência – ou melhor, a ‘multiplicidade de pontos de resistência’ – seria inerente ao exercício do poder”. (LOURO, 2014, p.44)

1.3. Ensino Médio: uma análise através das normas legais

O Ensino Médio é uma etapa bastante complexa na vida dos jovens, pois é quando nosso corpo e nossa mente está modificando de forma muito rápida e muito drástica. Aquilo que amávamos antes já não suportamos mais, aquilo que a gente não queria nem ver já nos parece interessante, nosso corpo muda, nossos gostos mudam, já não nos sentimos mais encaixados na sociedade, pois não somos mais crianças, porém também não somos adultos ainda.

Sabemos que a escola é um local importante para a formação das identidades e convivências sociais. Mas sabemos também, que desde sua formação, a escola é marcada pela produção das diferenças. Como nos diz Louro

[...] a escola dividiu e divide internamente: isolou adultos de crianças e jovens, separou ricos e pobres, “normais” e “desviantes”, meninos e meninas e, por meio de suas normas, do uso do tempo e do espaço e de suas rotinas, esteve envolvida, desde sempre, com o processo de construção de identidades sociais (LOURO 1997 *apud* MEYER E SOARES, 2004, p. 8).

Essa divisão que a escola (e demais campos sociais) faz, é o que determina o papel da mulher e do homem na sociedade, moldando-os durante a fase escolar para que exerçam os papéis já estabelecidos. É o que chamamos de normatização dos corpos, onde a escola toma um padrão como “normal” e utiliza-o em suas práticas pedagógicas para educar seus/suas alunos/as dentro dessas normas, tentando corrigir os que fogem delas, os “desviantes”.

A escola é apenas mais um espaço onde se exercita o controle da sexualidade e do gênero, então, a mesma foge de assuntos que não sigam a norma padrão da heterossexualidade normativa, que é baseada no homem, heterossexual, branco e elitista. Mas então como podemos perceber esses/as estudantes “desviados/as” da norma padrão imposta pela escola? Através das marcas em seus corpos, os modos de vestir, de andar, de falar e se expressar, e até os modos de silenciar.

A escola passa nossa vida inteira nos moldando como seres iguais, seres humanos padrão, que nos é difícil aceitar aquele que é diferente, aquele que não se submeteu às regras e foi por outro caminho. É quando acontece a exclusão e até a perseguição das pessoas “desviadas”.

Como a escola tenta padronizar os/as estudantes através de suas regras e ações, estes/as buscam expressar suas identidades, principalmente na fase adolescente, que é a fase que tratamos nesta pesquisa. Esses/as estudantes adolescentes mostram seus interesses, seus gostos, seu gênero e sua sexualidade através de roupas, de tatuagens, de cortes e pinturas de cabelo, de formas de falar, e diversos outros jeitos. Mesmo quando a escola é muito tradicional e padroniza até a vestimenta, por meio de uniformes idênticos, esses/as estudantes encontram meios de modificar algo, por menor que seja, para expressar suas identidades.

Com a LDB (Lei 9.394/96) o Ensino Médio passa a fazer parte da educação básica como etapa final, e essencial para a formação da cidadania, para a continuação do processo educacional, para a inserção no mercado de trabalho e para o desenvolvimento pessoal. O currículo deve conter estratégias de aprendizagens e conteúdos que capacitem o indivíduo para a vida em sociedade, o trabalho e a experiência pessoal.

É nessa perspectiva que a reforma do Ensino Médio trabalha, através dos quatro eixos apontados pela UNESCO. São eles: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser. Aqui trataremos apenas dos dois últimos, por se aproximarem do que tratamos em nossa pesquisa. No eixo do aprender a viver, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) dizem que

Trata-se de aprender a viver juntos, desenvolvendo o conhecimento do outro e a percepção das interdependências, de modo a permitir a realização de projetos comuns ou a gestão inteligente dos conflitos inevitáveis (PCNEM, 2000, p.16).

Através desse eixo, espera-se que a escola proporcione um ambiente em que se respeitem as diversidades e que as discuta em sala de aula, por meio da transdisciplinaridade, para que os/as estudantes aprendam a conviver e a respeitar os demais sujeitos.

O outro eixo que trazemos aqui é o eixo do aprender a ser, onde a escola deve trabalhar situações onde se prepare os/as estudantes para o pensamento autônomo e crítico, e possam tomar suas próprias decisões diante de situações da vida. Aqui, “a educação deve estar comprometida com o desenvolvimento total da pessoa” (PCNEM, 2000, p.16).

A formulação do PCNEM traz uma Base Nacional Comum, que deve ser seguida em todas as escolas e

[...] destina-se à formação geral do educando e deve assegurar que as finalidades propostas em lei, bem como o perfil de saída do educando sejam alcançadas de forma a caracterizar que a Educação Básica seja uma efetiva conquista de cada brasileiro (PCNEM, 2000, p.17).

O currículo desse novo Ensino Médio vem mais flexível, não determinando os conteúdos a serem trabalhados, mas separando-os em áreas de conhecimento, para que sejam mais bem selecionados e trabalhados de acordo com as especificidades de cada escola e dos sujeitos que a compõe. Essa flexibilidade não deve ser vista como um espaço para se “enxugar” as disciplinas e tornar o ensino mecânico, mas sim para que seja utilizado para formação de sujeitos críticos e sociais.

Sobre isso, o PCNEM ainda acrescenta que

O fato de estes Parâmetros Curriculares terem sido organizados em cada uma das áreas por disciplinas potenciais não significa que estas são obrigatórias ou mesmo recomendadas. O que é obrigatório pela LDB ou pela Resolução nº 03/98 são os conhecimentos que estas disciplinas recortam e as competências e habilidades a eles referidos e mencionados nos citados documentos (PCNEM, 2000, p 18).

As áreas já citadas foram organizadas em três, são elas: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias. Neste trabalho, iremos nos deter a análise da última área, por ser a que trabalha diretamente com os conceitos de cidadania, direitos e deveres do cidadão e desenvolvimento da consciência cívica e social, se aproximando assim do nosso tema de pesquisa.

Dentro da área de Ciência Humanas e suas Tecnologias, o PCNEM deixa claro que

Nesta área, que engloba também a Filosofia, deve-se desenvolver a tradução do conhecimento das Ciências Humanas em consciências críticas e criativas, capazes de gerar respostas adequadas a problemas atuais e situações novas. Dentre estes, destacam-se a extensão da cidadania, que implica o conhecimento, o uso e a produção histórica dos direitos e deveres do cidadão e o desenvolvimento da consciência cívica

e social, que implica a consideração do outro em cada decisão e atitude de natureza pública ou particular (PCNEM, 2000, p.21).

É nessa área, pois, que o estudante aprende sobre as construções sociais e os problemas que existem, onde eles desenvolvem a consciência sobre essas construções e desenvolvem respostas para tais problemas. Então, é nessa área que problemas como racismo, machismo, misoginia, dentre muitos outros podem ser dialogados de forma mais direta e, também, que podem ser desenvolvidas soluções para tais problemas pelos próprios estudantes.

Apesar dos PCNEM trazerem essa função social da área das Ciências Humanas, no texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2011) fala-se que as escolas ainda não conseguem atender a estas demandas, por ter seu ensino ainda mecanizado e baseado em conteúdos fragmentados e sem junção com a realidade, e propõe uma problematização da organização escolar dizendo que

Torna-se inadiável trazer para o debate os princípios e as práticas de um processo de inclusão social que garanta o acesso e considere a diversidade humana, social, cultural e econômica dos grupos historicamente excluídos. [...] A escola, face às exigências da Educação Básica, precisa ser reinventada, ou seja, priorizar processos capazes de gerar sujeitos inventivos, participativos, cooperativos, preparados para diversificadas inserções sociais, políticas, culturais, laborais e, ao mesmo tempo, capazes de intervir e problematizar as formas de produção e de vida (DCNEB 2013, p.152).

Se faz necessária uma revisão do currículo escolar, para que este seja reformulado de acordo com a diversidade existente na sociedade, de modo que as/os sujeitas/os não sejam excluídas/os do sistema de ensino por não se encaixarem em um modelo padrão, mas que o modelo seja flexível e possa se adaptar a diferentes realidades.

É preciso haver uma mudança que priorize a participação das/os estudantes no processo escolar, que essas/es estudantes não sejam apenas receptores do que a escola tenha a oferecer, mas que sejam participativos e possam problematizar e intervir nas decisões da escola.

2. METODOLOGIA

A nossa pesquisa está delimitada ao estudo do cotidiano escolar de meninas adolescentes das turmas do 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública estadual, situada na cidade de Caruaru. A escolha desta experiência educativa se deu inicialmente pela necessidade de analisar os espaços ocupados pelas meninas adolescentes em seu contexto escolar, suas percepções sobre as relações de gênero e o feminismo, como também as determinações que esse espaço pode trazer para suas vidas.

2.1. Abordagem da pesquisa

Inicialmente a escolha pela pesquisa qualitativa veio para colaborar nessa pesquisa e suas interações, sem perder de vista o aprendizado adquirido em busca de singularidades e articular essa diversidade encontrada no projeto para produzir significados e contribuições nesta pesquisa acadêmica.

Neste sentido

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. (...). Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos, fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Deslandes et. al.1994: 21).

Ainda sobre a pesquisa qualitativa Lage (2013) nos aponta que

A pesquisa qualitativa tem um viés que leva o investigador ao encontro de subjetividades que não conseguem se esconder, como acontece no universo da pesquisa quantitativa. As subjetividades afloram das regras e condicionamentos prévios, no contato, no diálogo e no confronto da realidade. Entender estas subjetividades e delas extrair novas compreensões requer metodologias claras, que possam admitir a diversidade de discursos, sentidos e sentimentos inéditos dos sujeitos de pesquisa em seus lugares de atuação (LAGE, 2013, p.50).

Através da abordagem qualitativa é possível perceber as atitudes, os valores, os jogos sociais e os confrontos presentes no campo. Permanecendo assim, estes aspectos da pesquisa, visam destrinchar o caso e o objeto estudado.

Sendo essa pesquisa também do tipo exploratória e explicativa, fundamentadas em Gil. Exploratórias por que “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias” (GIL, 2008, p.27). E é nesse sentido que se pretende uma pesquisa que esclareça realmente as concepções

de feminismo e de relações de gênero desses sujeitos em sua trajetória de vida até o ensino médio.

E como continuidade dessa pesquisa exploratória, o caráter explicativo nela, pois:

Uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação dos fatores que determinam um fenômeno que exige que este esteja suficientemente descritivo e detalhado (Gil, 2002. P.43).

Sendo assim, estes aspectos da pesquisa, visam destrinchar o caso e o objeto estudado.

2.2. Método da Pesquisa

Esta pesquisa realizou suas investigações fundamentando seu estudo para alcançar conhecimentos acerca do caso investigado/pesquisado. Neste sentido, segundo Lakatos e Marconi (2004):

O estudo de caso refere-se ao levantamento com mais profundidade de determinado caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos. (...) reuni o maior número de informações detalhadas, valendo-se de diferentes técnicas de pesquisa, visando apreender uma determinada situação e descrever a complexidade de um fato (LAKATOS e MARCONI, 2004, p.274).

No entanto, neste método observamos a necessidade de ampliar os estudos deste caso de maneira alargada para abarcar e não restringir a análise apenas ao caso, mas com o cuidado para não o generalizar.

Utilizamos, na pesquisa, o método do caso alargado, desenvolvido pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos (1983), onde estudamos um caso isolado e alargamos suas particularidades, procurando analisar a complexidade do caso, visando captar o que há nele de único ou de diferente (SANTOS, 1983).

Neste sentido, o método do caso alargado propõe

Em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhamento descritivo, a Complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou de único. A riqueza do caso não está no que nele é generalizável, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denuncia pela multiplicidade e profundidade das interações que o constituem (SANTOS *apud* LAGE 2005, p:186).

Santos (1983) indica que no Método do Caso Alargado, a riqueza não está no que há no caso de generalizável, mas no que o mesmo possui de único, de particular.

2.3. Delimitação e local da pesquisa

Esta pesquisa está delimitada ao debate que envolvem os conceitos de gênero, com enfoque no feminismo, realizado com alunas de três turmas do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública do município de Caruaru, localizada na Rua Cristo Redentor S/N, Bairro Caiucá, Caruaru PE. As três turmas formam um contingente de 93 estudantes, dentre os quais 48 são mulheres, que foram nossos sujeitos na pesquisa.

A escolha dessa experiência educativa se deu inicialmente pelo forte contato com as discussões de gênero e feminismo que já possuíamos, mas também devido a outros fatores que nos levaram a este estudo. Tais como os questionamentos de como seriam as concepções das meninas sobre feminismo e relações de gênero ao fim do ensino médio, bem como a necessidade de debater este tema no âmbito escolar.

Neste sentido, o campo de pesquisa e as concepções das meninas acerca do feminismo foram utilizados como instrumentos de construção de identidades desses sujeitos, refletindo suas trajetórias de vida e captando dados empíricos para entender o diálogo proposto entre as meninas estudantes do 3º ano do ensino médio com a escola na formação das concepções sobre gênero e feminismo.

2.4. Fontes de informação

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública estadual, com funcionamento de ensino regular, localizada na cidade de Caruaru PE. Durante o processo de coleta de dados, tivemos algumas conversas informais com as estudantes a fim de coletarmos informações sobre o tema estudado, além de outras fontes de informações descritas nas técnicas de coleta.

Para fins de pesquisa e trabalho de coleta, foram investigados 48 sujeitos, todos do sexo feminino, que responderam aos questionários aplicados na pesquisa. Desse quantitativo, 34 meninas se dispuseram a nos dar entrevista, estreitando a quantidade de sujeitos investigados. Porém, dessas 34 adolescentes, apenas 10

compareceram para a realização da entrevista, o que estreitou ainda mais o nosso quantitativo de sujeitos participantes de forma direta na pesquisa. Os grupos escolhidos para fins desta pesquisa, estão divididos para coleta e análise, através de questionários aplicados antes e depois da culminância de uma palestra com o tema “Relações de gênero e feminismo” e também uma entrevista semiestruturada sobre os três tópicos desenvolvidos na pesquisa.

2.5. Técnicas de coleta

A fim de obtermos melhores resultados para nossa investigação, utilizamos como técnica de coleta de dados, entre outras, a observação participante, que nos permite obter uma visão mais ampla uma vez que estamos inseridas num contexto a ser pesquisado. Apesar da observação participante Minayo (1993) afirma que:

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto (MINAYO, 1993, p. 59).

Este instrumento de coleta nos foi útil no intuito de conhecer os principais espaços no âmbito do Ensino Médio onde as meninas constroem duas percepções sobre as relações de gênero.

Ao considerarmos os instrumentos que utilizaríamos em nossa pesquisa, o questionário não poderia ser descartado, como a pesquisa envolveu um número elevado de sujeitos pesquisados, o questionário nos auxiliou a encontrar as respostas aos nossos objetivos. Pois como nele as perguntas são de ordem mais direta, encontramos um número de respostas dentro das hipóteses nele colocadas.

Como o questionário não responde a todos os nossos questionamentos, utilizamos também a entrevista semiestruturada, realizada com alguns sujeitos que foram escolhidos com base na disponibilidade de participação da entrevista.

Triviños (1987, dialogando com Minayo, nos diz que

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de

novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

Os autores mostram a importância que as entrevistas semiestruturadas carregam na pesquisa. Em nossa pesquisa, elas foram desenvolvidas com 10 alunas, que se dispuseram a participar da entrevista.

Além do questionário e da entrevista semiestruturada, utilizamos também recursos coadjuvantes, como a análise de conversas informais, afim de conseguirmos verificar as principais percepções sobre o feminismo e as relações de gênero que as meninas do Ensino Médio constroem, bem como identificar as projeções profissionais das meninas do Ensino Médio com relação ao seu futuro no mercado de trabalho.

Também dentro dessa observação utilizamos com instrumento de registro de coleta o diário de campo, para que assim, as informações não se perdessem ou fossem esquecidos os momentos, gestos ou falas, que puderam contribuir para nossa pesquisa. A utilização deste recurso foi necessária, pois nos permite relatar a interação entre o sujeito da pesquisa e o pesquisador, como também nos permite reviver e experimentar a realidade que nos foi passada. A respeito deste recurso Lage elucida que:

O diário de campo é um instrumento não só de registro, mas fundamentalmente um instrumento de análise de todo trabalho de campo. E ainda, um instrumento diário literalmente diário e por isso mesmo um incansável, e por isso insalubre trabalho que exige disciplina, mas que proporciona ao próprio pesquisador (a) uma grande satisfação à medida que vai sendo construído e redescoberto a cada consulta que se faz dos passos dados. Tal como um álbum de fotografias que nos levam ao reencontro das descobertas quotidianas (LAGE, 2005, p. 452).

Compartilhamos do mesmo ponto de vista de Lage, pois entendemos que o diário de campo é uma ferramenta de suma importância e, portanto, indispensável para toda e qualquer pesquisa de cunho empírico. Ainda de acordo com os apontamentos de Lage,

Sem uma forma sistemática de registro das observações, corre-se o risco de findado o período do trabalho de campo, perder a memória de momentos importantes. [...] Quanto mais demorada à experiência do campo, mas importante o diário vai se tornando, pois passa a se constituir numa fonte preciosa de dados organizados, numa memória muito rica sobre a experiência no campo (LAGE, 2009, p. 15).

Através desse instrumento de coleta de dados, pretendemos trazer indicações acerca de todos os nossos objetivos específicos.

2.6. Análise e sistematização dos dados

Para o estudo dos dados colhidos no campo, nos atrelamos a análise dos dados ao Método do Caso Alargado (SANTOS, 1983), já que este carrega em si o caráter analítico e, dessa maneira, nos auxiliou na construção de nossa análise de forma organizada, para que pudéssemos resgatar os sentidos do que foi colhido em campo em diálogo com os autores apresentados durante o nosso referencial teórico.

Utilizamos esta técnica para analisar as categorias tratadas ao longo da pesquisa, afim de respondermos aos nossos objetivos, tratando sobre as Relações de gênero, o Feminismo e o Ensino Médio a partir das normas legais.

3. AS MENINAS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE CARUARU E SUAS CONCEPÇÕES SOBRE FEMINISMO.

Nossa pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública estadual na cidade de Caruaru, agreste pernambucano. A escolha da escola se deu de forma aleatória, visando encontrar meninas cursando o 3º ano do ensino médio na busca de compreender as concepções que elas tinham inicialmente sobre o feminismo e, depois de realizarmos uma roda de diálogos sobre o tema, conversamos mais uma vez com essas meninas para analisar se alguma(s) concepção(ões) havia(m) mudado e qual(is). Também realizamos uma entrevista semiestruturada com algumas dessas estudantes, na perspectiva de colher informações que não foram contempladas nos questionários.

A escola⁶ se localiza na periferia da cidade. Dispõe de 19 salas de aula, 20 banheiros (divididos em masculino e feminino), 3 laboratórios, 1 auditório, 1 refeitório, quadra coberta, quadra de areia descoberta, despensas, cozinha, departamento de material de limpeza, quiosque, jardim, sala dos professores e sala de apoio ao professor, caracterizando-se como um ambiente amplo e adequado para o desenvolvimento das atividades escolares. A escola funciona nos três turnos e atende 2300 estudantes, divididos em 48 turmas. O funcionamento da escola vai das 7:00 horas às 22:00 horas.

A escola possui em seu quadro de funcionários 1 gestor, 1 adjunto, 1 secretário, 1 agente administrativo, 1 porteiro, 3 serviços gerais, 3 merendeiras, 107 professores em regência e 8 readaptados.

Para delimitarmos as turmas que acompanhamos em nossa pesquisa de campo, fizemos a opção de acompanhar as turmas do 3º ano do Ensino Médio, pois nossa pesquisa visava compreender as concepções das meninas sobre feminismo ao fim dos anos escolares. As turmas escolhidas do terceiro ano faziam parte do turno vespertino, e possuíam um quantitativo de 93 estudantes no total, do qual 48 eram do sexo feminino, e, portanto, esse se tornou o quantitativo estudado em nossa pesquisa, já que a mesma visava estudar as concepções das meninas sobre o tema em questão.

⁶ Não citaremos o nome da instituição afim de preservar sua identidade.

Buscamos realizar um estudo que identificasse as concepções que as estudantes possuíam sobre o feminismo, na intenção de identificar possíveis diferenças nas opiniões dessas estudantes, partindo da suposição que essas diferenças existem e se mostram no cotidiano de interações sociais entre as mesmas.

Em nossa pesquisa, aplicamos um questionário com as 48 estudantes das três turmas do 3º ano do Ensino Médio, com perguntas sobre feminismo e as concepções que elas tinham do tema. Foi questionado também se as estudantes concederiam entrevista, onde das 48 alunas, 34 se dispuseram a participar da entrevista, porém apenas 10 estudantes de fato a responderam, tornando-se os sujeitos diretos dessa pesquisa.

No primeiro questionário, aplicado antes da roda de conversa, 79% das estudantes se consideraram feministas, 5% respondeu que não eram feministas e 16% disseram não saber opinar, pois nunca haviam refletido sobre o assunto. No segundo questionário, aplicado após a roda de conversa sobre feminismo, 83% das meninas se consideraram feministas, 5% respondeu que não eram feministas e 12% disseram não saber opinar, pois nunca pensaram sobre o assunto.

A seguir apresentaremos as visões dos sujeitos no que diz respeito às categorias do nosso trabalho. Através de nossas observações, dos registros do diário de campo e das respostas adquiridas nos questionários e entrevistas semiestruturadas, desenvolveremos nosso caso na intenção de obtermos maiores entendimentos sobre o nosso estudo, atentando ao que o campo empírico nos mostra. Utilizaremos nomes fictícios⁷ para preservar a identidade dos sujeitos.

3.1. Relações de Gênero

Sobre as relações de gênero, ao relatar suas concepções, as estudantes assinalaram algumas opiniões bastante semelhantes entre si. As 10 estudantes que participaram da entrevista, foram os principais sujeitos desta categoria, apontando seus conceitos e opiniões sobre o tema.

⁷ Os nomes utilizados para preservar a identidade dos sujeitos serão nomes de mulheres que de forma direta ou indireta fizeram/fazem a diferença para o movimento feminista, e serão explicitados quem foram/são nas notas de rodapé a cada primeira fala dos sujeitos.

Tratando dos aspectos da nossa primeira categoria, compreendendo as relações de gênero como algo que vai além do biológico, a estudante Nísia Floresta⁸, traça suas reflexões a respeito das relações de gênero, falando que “Relação de gênero independe de sexo. Ou seja, vai além do binarismo feminino/masculino. É uma questão bem mais profunda, não domino bem o assunto”. (Estudante Nísia Floresta – Entrevista semiestruturada, Diário de campo: 07/10/2016)

Com uma opinião aproximada a da estudante Nísia Floresta, a estudante Pagu⁹ diz que “Como base biológica os gêneros são homem e mulher, mas como identidade é mais abrangente e bem mais complicada de se entender. Mas é notável que o homem sempre tem vantagem em relação à mulher”. (Estudante Pagu – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 13/10/2016)

Observa-se que o sexo biológico está muito presente nas falas das estudantes, apontando sempre o sexo masculino e feminino em suas respostas à entrevista e nas conversas informais.

Sobre as concepções das relações de gênero, algumas estudantes disseram não ter um conhecimento mais profundo sobre o tema e, por esse motivo, não sabiam como opinar. É o que podemos ver nas falas das estudantes Simone de Beauvoir¹⁰ e Rose Marie Muraro¹¹ a seguir: “Sobre isso eu infelizmente não tenho uma opinião formada, por não conhecer o bastante do assunto”. (Estudante Simone de Beauvoir - Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 10/10/2016); “Pior que esse assunto ainda não cheguei a ler, então não tenho como responder”. (Estudante Rose Marie Muraro – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 14/10/2016)

⁸ Nísia Floresta (1810-1885) foi escritora uma das pioneiras do feminismo no Brasil, escreveu livros em defesa do direito das mulheres, dos índios e dos escravos.

⁹ Patrícia Rehder Galvão, a Pagu (1910-1962) foi escritora, poeta, e jornalista, militou para o Partido Comunista e tornou-se a primeira mulher presa no Brasil por motivações políticas. Ao longo de sua vida foi presa 23 vezes por causa do caráter transgressor de sua militância.

¹⁰ Simone de Beauvoir (1908-1986) escritora e feminista, autora do livro “O Segundo Sexo” (1949), pioneiro manifesto do feminismo, no qual propõe novas bases para o relacionamento entre mulheres e homens.

¹¹ Rose Marie Muraro (1930-2014) foi autora de livros que retratavam de forma contundente a condição da mulher na sociedade da época, uma das pioneiras do feminismo no país nas décadas de 60 e 70, escreveu mais de 40 livros.

Ainda sobre este tópico, algumas das estudantes entrevistadas apontaram as relações de gênero como uma regra da sociedade, de poder de um gênero sobre o outro (o masculino sobre o feminino). Para essas estudantes, a concepção de gênero se dá através da relação de poder que o homem exerce sobre a mulher através dos papéis impostos pela sociedade.

Podemos observar essa colocação na fala da estudante Karina Buhr¹², que fala que “Relação de gênero, ao meu ver, é uma relação social entre homem e mulher, na qual vai ser determinado seu papel de acordo com suas diferenças sociais”. (Estudante Karina Buhr – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 13/10/2016)

E também na fala da estudante Emma Watson¹³ que aponta: “Para mim, relações de gêneros são as regras que a sociedade dita sobre como homens e mulheres devem se comportar, baseado apenas nas diferenças sexuais”. (Estudante Emma Watson – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 14/10/2016)

É bastante perceptível nas falas das estudantes, as relações de gênero como algo baseado na diferença sexual. E que essas relações estão engendradas na nossa cultura e determinam nossos lugares na sociedade. A estudante Frida Kahlo¹⁴ diz que a relação de gênero “[...]Diz respeito às formas de ser e estar no mundo socialmente construídas e reproduzidas culturalmente, que se baseiam no pressuposto da diferenciação sexual”. (Estudante Frida Kahlo – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 07/10/2016)

As narrativas das estudantes apontam o quanto é importante a discussão de gênero nas escolas, e como ainda é necessário avançar nas explicações sobre as

¹² Karina Buhr (1974) é cantora, compositora, escritora, percussionista e atriz. Ativista do movimento feminista, expressando sua militância principalmente através de sua música, com composições que abordam o tema, como nas músicas do CD *Selvática* (2015) e em seus poemas e ilustrações que retratam a luta pela liberdade da mulher.

¹³ Emma Watson (1990) atriz bastante conhecida e Embaixadora da Boa Vontade na ONU Mulheres desde 2014, luta pelos direitos e empoderamento das mulheres.

¹⁴ Frida Kahlo (1907-1954) foi uma importante pintora mexicana, comunista e revolucionária, teve uma vida de superações e sofrimentos, que refletia em suas obras. Frida foi uma mulher à frente de seu tempo, desafiando costumes e regras da época.

relações de gênero, tirando essa discussão do superficial e aprofundando nas raízes do estudo.

3.2. Feminismo

Nessa categoria, as estudantes expressaram sua opinião sobre o tema, apontando que o feminismo é um movimento de empoderamento das mulheres, de luta por direitos e pela igualdade de gêneros.

A estudante Pagu nos fala do feminismo enquanto militância pela igualdade de direitos: “Feminismo é a luta diária que nós mulheres temos que ter para que a sociedade seja algo igualitário. Nós, mulheres, nascemos feministas sim, mas poucas sabem disso e desvirtuam-se.” (Estudante Pagu – Entrevista semiestruturada; Diário de Campo: 13/10/2016)

Ela dialoga no sentido de que as mulheres são todas feministas, mesmo que não tenham consciência disso. Mas que a partir do momento que elas se indignam com situações de opressão, que elas transgredem às normas impostas pela sociedade, elas estão exercendo o feminismo.

Percebemos uma concepção aproximada à da estudante Pagu, na fala da estudante Dilma Rousseff¹⁵, que aponta o feminismo como “A busca pela valorização da mulher, é a luta pelos direitos das mulheres e voz em meio a uma sociedade tão opressora. O feminismo é um grito de várias vozes por respeito às mulheres”. (Estudante Dilma Rousseff – Entrevista semiestruturada; Diário de Campo: 07/10/2016)

As estudantes Simone de Beauvoir, Elza Soares¹⁶ e Karina Buhr trazem pensamentos do feminismo como uma busca por direitos iguais perante a sociedade, e deixam claro essa afirmação quando dizem: “feminismo pra mim é a luta por direitos iguais entre homens e mulheres perante a sociedade”; “é a igualdade social entre homens e mulheres”; “é um movimento social que tem como

¹⁵ Dilma Rousseff (1947) é uma política brasileira e primeira mulher eleita para presidir o país. Resistiu à Ditadura Militar, atuando na luta armada, onde foi presa e torturada. Símbolo da resistência das mulheres.

¹⁶ Elza Soares (1937) é cantora. Obrigada a se casar aos 12 anos, vivenciou desde cedo as opressões do patriarcado e luta contra ele. Lançou em 2015 o disco intitulado “A mulher do fim do mundo” com músicas que abordam o feminismo e a liberdade da mulher.

objetivo conquistar os direitos iguais entre homens e mulheres”. (Estudantes Simone de Beauvoir, Elza Soares e Karina Buhr [respectivamente] – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 10 e 13/10/2016).

Na discussão sobre feminismo, as estudantes dialogaram também sobre a sororidade, que é o respeito e companheirismo entre as mulheres, desconstruindo as rivalidades entre si, impostas pela sociedade. Elas assinalaram a importância da prática da sororidade para contribuir nos avanços das pautas feministas.

Sobre isso, a estudante Bertha Lutz¹⁷ fala que “É muito importante que as mulheres se unam e parem de acreditar que são rivais, que devem ser inimigas. Pois, só se unindo é que a gente consegue avançar contra o machismo dessa sociedade patriarcal”. (Estudante Bertha Lutz – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 10/10/2016)

Podemos perceber a presença da importância da sororidade também no discurso da estudante Pagu,

União é a palavra chave para desmistificar essas pessoas que acham que somos vitimistas, até porque o mundo é cruel para as mulheres e o mundo fica cego diante disso, então, se as mulheres unirem suas forças a gente consegue ir mais longe. (Estudante Pagu – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 13/10/2016)

A estudante Nísia Floresta assinalou que o feminismo é muito necessário para a nossa sociedade, mas que precisa ser bem planejado, ter uma boa fundamentação, para que se tenha clareza das pautas do movimento e que haja uma auto-organização entre as mulheres para que consigam avançar nas conquistas.

Acho que, se bem articulado [o feminismo], baseado em conceitos como o de sororidade, por exemplo, são essenciais para as mulheres mostrarem que vivemos num sistema extremamente paternalista/patriarcal e que, sim, é possível viver para além disso. (Estudante Nísia Floresta – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 07/10/2016)

¹⁷ Bertha Lutz (1894-1976) teve participação direta pela articulação política que resultou nas leis que deram direito de voto às mulheres e igualdade de direitos políticos nos anos 20 e 30.

É possível notar que a estudante Nísia Floresta também aponta a sororidade como parte importante do movimento feminista, e que através dele, as mulheres podem unir forças e conquistar direitos.

Durante as entrevistas as estudantes discorreram sobre o que pensam do feminismo, trazendo a importância do conhecimento conceitual do movimento, e da necessidade de sua existência. Todas as estudantes entrevistadas pontuaram que o feminismo é bastante necessário, apesar da necessidade de rever alguns pontos. Observamos isso na fala da estudante Emma Watson:

Eu acho o movimento feminista extremamente necessário. Tem suas falhas e suas desavenças internas, como qualquer outro movimento social, mas vem se definindo melhor e corrigindo muitos erros. Eu posso ver isso claramente, comparando o feminismo de antigamente, que a gente estuda nos livros, com o atual. (Estudante Emma Watson – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 14/10/2016)

Ainda sobre a necessidade da existência do movimento feminista, a estudante Simone de Beauvoir relata:

Acho que é um movimento totalmente necessário dado a atual situação do Brasil e do mundo em geral. Tipo, sem o movimento feminista a gente não teria direito nem ao voto, então sim, o feminismo é algo de que a gente precisa. (Estudante Simone de Beauvoir – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 10/10/2016)

E a estudante Pagu complementa as falas das demais estudantes, assinalando a importância do feminismo para as mulheres que não acreditam ou não o apoiam. Pagu revela em sua fala: “Acho o movimento feminista necessário principalmente para as mulheres que acham desnecessário. A luta é constante e precisamos de mulheres unidas para termos mais forças para lutar”. (Estudante Pagu – Entrevista Semiestruturada; Diário de Campo: 13/10/2016)

Com essa fala, Pagu deixa claro a importância da luta do feminismo não só por aquelas mulheres que se intitulam feministas, que apoiam o movimento, mas também, e principalmente, por aquelas que são contrárias a ele, mostrando a importância das ações de empoderamento e liberdade da mulher.

A estudante Karina Buhr sintetiza os pontos abordados sobre este tópico tratando de sororidade, luta por direitos, empoderamento da mulher e também do

fato de algumas mulheres não apoiarem o movimento feminista, quando diz que o feminismo é

Um movimento que está crescendo cada vez mais, onde as mulheres estão se impondo e exigindo seu lugar na sociedade através da luta pelos seus direitos e é preciso que mais mulheres se mobilizem, mas ainda vejo que muitas mulheres exercem um papel muito machista e debocham até daquelas que estão lutando pelos seus direitos. (Estudante Karina Burh – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 13/10/2016)

Percebemos nas falas de todas as estudantes entrevistadas a afirmação da importância do feminismo, e da existência dele para todas as mulheres, mesmo as que não o apoiam, uma vez que, a luta das feministas é por conquistas de direitos para todas as mulheres e não apenas para um pequeno grupo que esteja engajado nas pautas do movimento.

Durante nossos diálogos acerca do feminismo, percebemos a importância de realizar alguns questionamentos sobre a relação da mulher com o mercado de trabalho. E dentre esses, discutimos sobre a luta por direitos trabalhistas, a desvalorização do trabalho feminino e a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho.

Mesmo com todos os avanços que as mulheres obtiveram no mercado de trabalho, sua mão de obra ainda é desvalorizada, e suas condições de trabalho ainda são desiguais às dos homens. A respeito da desvalorização da mulher no mercado de trabalho, a estudante Frida Kahlo aponta que “Historicamente a mulher e o mercado de trabalho é o clássico exemplo da desigualdade e violência de gênero, uma vez que a mulher é desvalorizada enquanto profissional nas mais diversas áreas, em relação aos homens”. (Estudante Frida Kahlo – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 07/10/2016)

Complementando a fala da estudante Frida Kahlo, vemos na fala da estudante Simone de Beauvoir, o relato da desigualdade entre mulheres e homens no mercado de trabalho. A estudante expõe:

Acho que a gente ainda tem muito o que lutar em relação ao mercado de trabalho para mulheres. Ontem mesmo eu li uma pesquisa que dizia que um mesmo currículo foi enviado pra diversos locais, um em nome de um homem e o outro, no de

uma mulher. E o currículo do homem recebeu um número considerável de propostas de trabalho e um valor mais alto de remuneração que o da mulher, e isso é, definitivamente, algo que deve mudar. (Estudante Simone de Beauvoir – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 10/10/2016)

Em se tratando da diferença nos salários entre homens e mulheres, bem como a presença do machismo no mercado de trabalho, a estudante Emma Watson complementa a fala anterior, dizendo que “O mercado de trabalho continua injusto, em diversas questões, a principal delas é a diferença nos salários entre homens e mulheres, onde as mulheres recebem bem menos”. (Estudante Emma Watson – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 14/10/2016).

As falas das estudantes apontaram um caminho de avanços das mulheres nas lutas feministas, porém, a presença ainda do machismo nos diversos campos da sociedade, desde a sua casa até no mercado de trabalho. Como podemos perceber na fala da estudante Frida Kahlo:

As lutas e movimentos tem historicamente conseguido avançar, porém, o machismo enraizado nas relações sociais torna lento o processo de desconstrução dos paradigmas e das desigualdades entre mulheres e homens no mercado de trabalho. (Estudantes Frida Kahlo – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 07/10/2016)

Fica claro, nas falas das estudantes, os avanços que o movimento feminista conseguiu na luta por igualdade de gêneros, e também a importância de o movimento seguir avançando, para que mais direitos sejam conquistados.

3.3. Ensino Médio: uma análise através das normas legais

Em se tratando do ensino médio e da importância da discussão sobre gênero, em especial o feminismo, durante esse período escolar, as estudantes falaram suas opiniões sobre a importância do diálogo sobre o tema em sala de aula e se ele é abordado.

As falas das estudantes mostraram que as escolas começaram a discutir gênero e feminismo em sala de aula, mas que essa discussão vem a passos lentos e muito ainda precisa ser melhorado. Em se tratando da importância das discussões de gênero e feminismo em sala de aula, a estudante Frida Kahlo pontuou:

Acredito que a escola é um espaço em potencial para fomentar as discussões sobre gênero e feminismo, contudo as amarras sociais, estigmas, falta de formação política e o conservadorismo acabam tecendo políticas educacionais que não evidenciam tais discussões e/ou silenciam. No entanto, muitas práticas têm mudado essa situação, essa também é uma luta do movimento feminista, inserir essas pautas nas escolas. (Estudante Frida Kahlo – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 07/10/2016)

Discutir gênero e feminismo em sala de aula se faz necessário, segundo as estudantes entrevistadas, porque a escola é um ambiente de aprendizado, onde as crianças e adolescentes passam grande parte do seu dia, e por ser um lugar de aprendizagem, é nela também que as/os estudantes aprenderão sobre respeito às diferenças. A respeito dessa afirmação, a estudante Emma Watson alega que

A escola pode contribuir e deve, com toda certeza. Pois acredito que é da escola que as injustiças relacionadas a gênero devem começar a ser desconstruídas, para que os homens cresçam cientes de que as mulheres são tão capazes quanto eles. (Estudante Emma Watson – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 14/10/2016)

Durante as entrevistas, as estudantes dialogaram também se na instituição de ensino onde elas estudam e em outras instituições de modo geral, existe a presença da discussão de gênero e feminismo em sala de aula, partindo dos professores ou da gestão da escola. Algumas estudantes afirmaram que essas discussões são existentes na escola em que estudam, mas que ainda não acham essa discussão suficiente, por ser abordada em raros casos.

Quando questionada sobre presença da discussão de gênero e feminismo na escola onde estuda, a estudante Simone de Beauvoir disse que

Na maioria das vezes não. Tipo, na minha escola, poucas foram as vezes que gênero e feminismo foram debatidos, e na maioria delas, os debates não ocorreram por incentivo da escola, e sim por iniciativa dos próprios alunos que começavam a perguntar coisas durante as aulas. (Estudante Simone de Beauvoir – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 10/10/2016)

A estudante concluiu sua fala destacando a importância para ela da discussão desse tema em sala de aula, afirmando: “Acho muito importante que a escola incentive a discussão sobre esses assuntos, porque ainda hoje tenho amigos que não sabem a diferença entre uma lésbica com um estilo mais masculino

de um transgênero”. (Estudante Simone de Beauvoir – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 10/10/2016)

Nessa perspectiva de relatos sobre o acontecimento de discussões sobre gênero e feminismo nas escolas, a estudante Pagu fala que a escola, de modo geral, ainda precisa avançar na abordagem do tema e destaca que por essa falta de discussão, as/os estudantes buscam outros meios de se informar sobre esses assuntos, encontrando respostas deturpadas e duvidosas, o que pode favorecer ainda mais os preconceitos de gênero.

Pagu destaca que

Atualmente, as escolas ainda não discutem de forma abrangente sobre gênero e feminismo, precisaria de algo mais amplo, acho muito contido, fazendo com que os alunos procurem outras fontes pra se informar. Contudo, hoje está muito mais solto que antigamente. (Estudante Pagu – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 13/10/2016)

Com uma concepção semelhante à da estudante Pagu, a estudante Nísia Floresta complementa o tópico dizendo

Escolas atualmente, começam a discutir essas questões, mas de forma muito tímida. Os alunos são os protagonistas disto, visto que o nosso sistema educacional está defasado, o sistema político se rachando com ideais conservadores. Mas, ainda acredito que é possível reverter o quadro, sabe? Tem muita gente com novas ideias por aí, fazendo a diferença. (Estudante Nísia Floresta – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 07/10/2016)

Durante as entrevistas, todas as estudantes deixaram claro a necessidade de se discutir as questões de relações de gênero e feminismo dentro dos muros da escola, construindo conhecimentos junto com as/os alunas/os acerca de temas tão atuais e tão presentes no cotidiano de toda sociedade. Nos fazendo refletir sobre a importância de uma construção curricular baseada nas necessidades e interesses das/os estudantes e não apenas em uma grade de conteúdos.

Dando continuidade à nossa pesquisa, desenvolvemos nossa análise de dados, refletindo sobre o que foi vivenciado no campo em conjunto com os conceitos apontados pelos autores, traçando um diálogo das nossas categorias

temáticas, que resultará na construção de novos conhecimentos que contemplam as relações de gênero, o feminismo e o Ensino Médio.

4. ANÁLISE DO CASO

Neste capítulo do trabalho, realizamos a sistematização dos dados obtidos na pesquisa, onde iremos confrontar as teorias apresentadas pelas/os autoras/es, com o que as estudantes sujeitas de nossa pesquisa no apresentaram como suas concepções, para a partir disso criarmos novas concepções dos temas aqui apresentados.

A seguir, apresentaremos uma tabela com algumas de nossas análises, elaboradas de formas mais abrangentes, e que serão mais especificadas nas análises dos tópicos seguintes.

CATEGORIAS ANALÍTICAS	AUTORES	SUJEITOS DO CAMPO	SÍNTESE
RELAÇÕES DE GÊNERO (ver 4.1)	- [...]trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. (SCOTT, 1995, p.75) - As relações de gênero são produto de um processo que se inicia no nascimento e continua ao longo da vida, reforçando a desigualdade entre homens e mulheres. (MORAES, 2008, p. 103) - É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO, 2014, p.25)	- Relação de gênero independe de “sexo”. Ou seja, vai além do binarismo feminino/masculino. (Estudante Nísia Floresta, 07/10/2016) - Relações de gênero diz respeito às formas de ser e estar no mundo socialmente construídas e reproduzidas culturalmente. (Estudante Frida Kahlo, 07/10/2016) - Relação de gênero ao meu ver é uma relação social entre homem e mulher, na qual vai ser determinado seu papel de acordo com suas diferenças sexuais. (Estudante Karina Buhr, 13/10/2016)	- Relações de gênero são os resultados dos papéis colocados pela sociedade através da forma de tratar mulheres e homens. - É o resultado do processo de construção social que coloca cada gênero desempenhando o papel que lhe foi imposto desde antes de seu nascimento. - As relações de gênero são determinadas de acordo com as regras da sociedade, não sendo, portanto, imutáveis. Ou sejam, a naturalização do que é masculino e do que é feminino se dá de acordo com o social e o cultural de determinada sociedade.

FEMINISMO (ver 4.2)	- O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. (ALVES e PITANGUY, 1985, p.9) - [...]É fácil concluir que essa lógica (dicotômica) é problemática para a perspectiva feminista, já que ela nos “amarra” numa posição que é aparentemente, consequente e inexorável. Uma lógica que parece apontar para um lugar “natural” e fixo para cada gênero. (LOURO, 2014, p.36)	- Feminismo é a busca pela valorização da mulher, é a luta pelos direitos das mulheres e voz em meio à uma sociedade tão opressora. (Estudante Dilma Rousseff, 07/10/2016) - O movimento feminista busca igualdade social entre homens e mulheres. (Estudante Elza Soares, 10/10/2016) - Feminismo é a luta diária que nós mulheres temos que ter para que a sociedade seja algo igualitário. Acho o movimento feminista necessário, principalmente para aquelas que acham desnecessário. A luta é constante e precisamos de mulheres unidas pra termos mais forças para lutar. (Estudante Pagu, 13/10/2016)	- Feminismo é a união das mulheres em busca de equidade social. - É a auto-organização feminina que busca romper com as dicotomias de masculino-feminino, que coloca o homem superior a mulher. - É a busca do rompimento da hierarquia construída socialmente, que diz que o homem é naturalmente superior à mulher. - O feminismo é um movimento que busca desconstruir as regras impostas pela sociedade, e que naturaliza essa posição como algo da natureza feminina e masculina, colocando-as como uma posição imutável.
---------------------------------------	---	---	--

ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DAS NORMAS LEGAIS (ver 4.3)	- Torna-se inadiável trazer para o debate os princípios e as práticas de um processo de inclusão social que garanta o acesso e considere a diversidade humana, social, cultural e econômica dos grupos historicamente excluídos. (DCNEB, 2013, p.152) - Em uma de suas direções, esse movimento (da política da igualdade) leva o ideal de igualdade para o âmbito das relações pessoais na família e no trabalho, no qual questões como a igualdade entre homens e mulheres, os direitos da criança, a eliminação da violência passam a ser decisivas para a convivência integradora. (DCNEM, 1998, p.64) - Desde sua constituição, a escola moderna é marcada por diferenças e está implicada, também, com a produção dessas diferenças. Embora não seja possível atribuir a ela toda a responsabilidade pela construção das identidades sociais, ela continua sendo, para crianças e jovens, um local importante de vivências cotidianas específicas e, ao mesmo tempo, plurais. (MEYER e SOARES, 2004, p.8)	- As escolas, atualmente, começam a discutir essas questões, mas de forma muito tímida. Os alunos são os protagonistas disto, visto que o nosso sistema educacional está defasado, o sistema político se rachando com ideais conservadores. (Estudante Nísia Floresta, 07/10/2016) - Acredito que a escola é um espaço em potencial para fomentar as discussões sobre gênero e feminismo, contudo, as amarras sociais, os estigmas, a falta de formação política e o conservadorismo acabam tecendo políticas educacionais que não evidenciam tais discussões e/ou silenciam. (Estudante Frida Kahlo, 07/10/2016) - Atualmente as escolas ainda não discutem de forma abrangente sobre gênero e feminismo, precisaria de algo mais amplo, acho muito contido, fazendo com que os alunos procurem outras fontes para se informar. (Estudante Pagu, 13/10/2016) - Na minha escola poucas foram as vezes que gênero e feminismo foram debatidos, e na maioria delas os debates não ocorreram por incentivo da escola. (Estudante Simone de Beauvoir, 10/10/2016).	- É muito importante a discussão da escola sobre gênero e feminismo, bem como outros assuntos, tanto para cumprimento do que dizem as Diretrizes Curriculares, como pela necessidade que as/os estudantes trazem em si de conhecer mais sobre tais temas. - A importância da discussão de gênero e feminismo se dá, entre outros fatores, pela necessidade de findar com as dicotomias que colocam o homem em superioridade à mulher. - As/os estudantes demonstram uma grande necessidade de discutir gênero e feminismo em sala de aula, trazendo o tema à tona em momentos diversos da sala de aula. - O conservadorismo ainda presente na escola, impede que a discussão de gênero e feminismo surja de forma mais natural, sendo necessário, por vezes, a intervenção das/os estudantes questionando sobre a temática para que se inicie uma discussão sobre a mesma.
--	---	---	---

4.1. Relações de Gênero

Esta categoria, por ser um tema mais abrangente e ponto de partida para a discussão mais restrita sobre gênero, como o feminismo, se mostra repleta de dados importantes para nossa análise.

As discussões das meninas sujeitos desta pesquisa, explicitam a necessidade de as discussões de gênero adentrarem os muros da escola de forma mais regular. Durante as conversas e entrevistas, as estudantes se mostraram pouco familiarizadas com o termo “relações de gênero”, mesmo que em suas falas, elas conseguissem expressar bem suas concepções do tema.

De acordo com Scott, relação de gênero “[...] trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres”. (SCOTT, 1995, p.75). A autora agrega nessa concepção, o fato de que o gênero vai além do sexo biológico, que ele está permeado pelas relações sociais.

Percebemos uma concepção aproximada nas falas das estudantes Nísia Floresta e Frida Kahlo, respectivamente: “Relação de gênero independe de “sexo”. Ou seja, vai além do binarismo feminino/masculino”. (Estudante Nísia Floresta, 07/10/2016); “Relações de gênero diz respeito às formas de ser e estar no mundo socialmente construídas e reproduzidas culturalmente”. (Estudante Frida Kahlo, 07/10/2016)

As relações de gênero se dão de acordo com as normas da sociedade, dos papéis impostos em determinada cultura, do lugar determinado para a mulher e para o homem. Sobre isso, Louro nos diz que

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO, 2014, p.25)

As estudantes também pontuaram em suas falas, esse determinismo social sobre as relações de gênero, percebemos essa questão na fala da estudante Karina Buhr, que traz a imposição dos papéis sociais como um fator determinante

para as relações de gênero. “Relação de gênero ao meu ver é uma relação social entre homem e mulher, na qual vai ser determinado seu papel de acordo com suas diferenças sexuais”. (Estudante Karina Buhr, 13/10/2016)

Relações de gênero são, segundo as concepções apresentadas, o resultado dos papéis impostos pela sociedade sobre os corpos, determinando o lugar do feminino e do masculino, que através do processo de construção social, naturaliza esses papéis de acordo com o tempo e a cultura de determinada sociedade. São as determinações sociais da sociedade, de acordo com sua cultura, que vai dizer qual o local da mulher e do homem nesta sociedade.

4.2. Feminismo

Nesta categoria, raciocinaremos não só sobre a concepção de feminismo em si, mas também sobre o lugar da mulher no mercado de trabalho, discussão esta que percebemos a importância de contemplar, pois foi bastante discutida pelas estudantes ao longo de nossas conversas e entrevistas, e, dotadas de grande importância para a discussão, não poderíamos ignorá-la, mesmo não sendo o assunto inicial proposto na pesquisa.

O feminismo é um movimento social muito importante para as conquistas das mulheres tanto na esfera pública quanto na privada. Foi através dele, que as mulheres adquiriram diversos direitos, como o de votar, de trabalhar fora, de se divorciar, entre outros. Sabe-se também que as lutas das feministas não pararam por aí, pois apesar de muitas conquistas, muito ainda precisa mudar com relação aos lugares que as mulheres ocupam na sociedade. Sobre esses aspectos, nossas análises desta categoria se iniciam com a concepção de feminismo.

Segundo Alves e Pitanguy

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. (ALVES e PITANGUY, 1985, p.9)

Discorrendo sobre o mesmo assunto, as estudantes nos trouxeram suas concepções acerca do que é o feminismo, colocando a luta por igualdade de direitos como pauta principal do movimento. Como podemos perceber na fala da

estudante Dilma Rousseff, que diz que “Feminismo é a busca pela valorização da mulher, é a luta pelos direitos das mulheres e voz em meio à uma sociedade tão opressora”. (Estudante Dilma Rousseff, 07/10/2016)

O feminismo luta contra a lógica dicotômica que coloca o homem oposto e superior à mulher. Conforme nos revela Louro,

[...]É fácil concluir que essa lógica (dicotômica) é problemática para a perspectiva feminista, já que ela nos “amarra” numa posição que é aparentemente, consequente e inexorável. Uma lógica que parece apontar para um lugar “natural” e fixo para cada gênero. (LOURO, 2014, p.36)

E se, como nos diz a estudante Elza Soares, “o movimento feminista busca igualdade social entre homens e mulheres”. (Estudante Elza Soares, 10/10/2016). É papel do feminismo também a luta contra a dicotomia homem-mulher, visando uma sociedade mais igualitária e justa entre os sexos.

De acordo com as concepções apresentadas, entendemos que o feminismo é um movimento que luta contra as regras impostas e naturalizadas pela sociedade, que colocam a mulher como um ser inferior ao homem, tendo que obedecer a hierarquia criada socialmente e aceita-la como algo natural e imutável, visando romper com esses paradigmas e conquistando direitos para as mulheres.

Durante as conversas e entrevistas, a presença do tema “a mulher e o mercado de trabalho” se fez bastante presente, trazendo diversas considerações valiosas para a nossa pesquisa. Como a diferença dos direitos trabalhistas, a dupla jornada de trabalho, a diferença salarial, entre outros fatores relacionados ao tema.

A estudante Simone de Beauvoir, apontou a discriminação da mulher no mercado de trabalho, com relação ao homem, relatando

Acho que a gente ainda tem muito o que lutar em relação ao mercado de trabalho para mulheres. Ontem mesmo eu li uma pesquisa que dizia que um mesmo currículo foi enviado para diversos locais, um em nome de um homem e o outro em nome de uma mulher. E o currículo do homem recebeu um número considerável de propostas de trabalho e um valor mais alto de remuneração que o da mulher. E isso é, definitivamente, algo que deve mudar. (Estudante Simone de Beauvoir, Entrevista semiestruturada: 10/10/2016)

Foi apontado nas falas das estudantes a historicidade das desigualdades com relação à mulher e o mercado de trabalho. A estudante Frida Kahlo relata que:

Historicamente a mulher e o mercado de trabalho é o clássico exemplo da desigualdade e violência de gênero, uma vez que a mulher é desvalorizada enquanto profissional nas mais diversas áreas, em relação aos homens. (Estudante Frida Kahlo – Entrevista semiestruturada; Diário de campo: 07/10/2016)

E que, apesar dos avanços conseguidos através das lutas feministas, ainda há uma grande desvalorização da mulher nesta esfera. Com a presença do machismo, a diferença salarial, o assédio, entre outros fatores.

As estudantes apontaram que, embora o movimento feminista tenha conseguido avançar nas conquistas de direitos, muito ainda deve ser modificado com relação aos direitos das mulheres, e por isso, segundo elas, o feminismo é um movimento de grande importância para a nossa sociedade.

4.3. Ensino Médio: uma análise através das normas legais

Em nossa última categoria, analisaremos as falas dos sujeitos com relação ao que dizem as normas legais sobre o estudo de gênero e feminismo. Apontando as semelhanças e diferenças entre o que dizem as normas e o que as estudantes relatam que acontece na prática do seu cotidiano escolar.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), apontam uma grande importância de se discutir, dentro dos muros da escola, temas que outrora eram ignorados, e que, através do silenciamento, contribuía para a discriminação e exclusão dos sujeitos. Como os temas de gênero e feminismo.

Torna-se inadiável trazer para o debate os princípios e as práticas de um processo de inclusão social que garanta o acesso e considere a diversidade humana, social, cultural e econômica dos grupos historicamente excluídos. (DCNEB, 2013, p.152)

As Diretrizes Curriculares, também falam da importância de vivenciar a política da igualdade, com o intuito de melhorar as relações pessoais tanto na escola, quanto nas demais esferas sociais. Já que o intuito da escola com relação a esses ensinamentos é preparar para a convivência em sociedade. As DCNEM dizem que

Em uma de suas direções, esse movimento (da política da igualdade) leva o ideal de igualdade para o âmbito das relações pessoais na família e no trabalho, no qual questões como a igualdade entre homens e mulheres, os direitos da criança, a eliminação da violência, passam a ser decisivas para a convivência integradora. (DCNEM, 1998, p.64)

Em contrapartida ao que dizem as DCNEM, as falas das estudantes demonstram que esse diálogo acerca dos temas de gênero e feminismo não acontecem com frequência na escola, e que, muitas vezes, não é a escola quem inicia os debates e questionamentos, e sim os próprios estudantes. Como nos relata a estudante Simone de Beauvoir. “Na minha escola, poucas foram as vezes que gênero e feminismo foram debatidos, e na maioria delas os debates não ocorreram por incentivo da escola”. (Estudante Simone de Beauvoir, 10/10/2016).

Destacou-se, durante as entrevistas, a importância dessas discussões na escola, pela necessidade não só do cumprimento do que dizem as Diretrizes Curriculares, mas para o conhecimento das/os próprias/os estudantes. A estudante Nísia Floresta conta que essas discussões começam a acontecer na escola, mesmo que de forma lenta, e reforça o que disse a estudante Simone de Beauvoir, falando que os estudantes é que, muitas vezes, iniciam as discussões por conta própria.

As escolas, atualmente, começam a discutir essas questões, mas de forma muito tímida. Os alunos são os protagonistas disto, visto que o nosso sistema educacional está defasado, o sistema político se rachando com ideais conservadores. (Estudante Nísia Floresta, 07/10/2016)

Discutir gênero e feminismo em sala de aula, se faz importante, dentre outros fatores, para a desconstrução das dicotomias homem-mulher, e por consequência, a superioridade do homem com relação à mulher.

As estudantes demonstraram a ausência dessa discussão como resultado de uma sociedade ainda cheia de amarras com relação aos gêneros e às discussões feministas, e que isto atravessa e adentra os muros da escola. É o que nos retrata a estudante Frida Kahlo a seguir.

Acredito que a escola é um espaço em potencial para fomentar as discussões sobre gênero e feminismo, contudo, as amarras sociais, os estigmas, a falta de formação política e o conservadorismo acabam tecendo políticas educacionais que

não evidenciam tais discussões e/ou silenciam. (Estudante Frida Kahlo, 07/10/2016)

De acordo com as falas das estudantes, o conservadorismo existente na escola, impede com que as discussões de temas como gênero e feminismo aconteçam de forma mais natural, sendo necessária, muitas vezes, a intervenção das/os estudantes para que tais discussões possam acontecer.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando nosso problema de pesquisa **“Que compreensões sobre feminismo as meninas constroem em suas trajetórias até o Ensino Médio?”**, finalizamos nosso trabalho apresentando as conclusões desenvolvidas a partir da nossa pesquisa. Conclusões estas que buscarão responder também nossos objetivos geral e específicos, que nortearam nossa busca por respostas e construção de conhecimento, refletindo tanto teoricamente quanto através do campo empírico.

Nosso estudo demonstrou uma grande necessidade da presença da discussão de gênero e de feminismo dentro dos muros das escolas. Nossas estudantes, sujeitos desta pesquisa, demonstraram seus anseios em estudar melhor o tema, para conseguir uma convivência social mais igualitária.

Com relação ao nosso primeiro objetivo específico, que foi identificar as principais concepções que as meninas do 3º ano do Ensino Médio têm sobre feminismo, identificamos que as meninas têm uma concepção de feminismo bastante aproximada do que dizem as teóricas que tratam desses temas, apesar de ainda não terem um conhecimento conceitual mais aprofundado, mas através das pesquisas e leituras que as adolescentes fazem sobre o tema, estão com um embasamento satisfatório sobre os conhecimentos de gênero e feminismo.

O nosso segundo objetivo foi apontar o que as meninas do 3º ano do Ensino Médio pensam sobre a mulher e o mercado de trabalho, e ficou claro nas falas das estudantes, que apesar dos direitos já adquiridos, ainda há muito a ser conquistado, e que o movimento feminista é de suma importância para essa luta, na busca de remuneração igualitária entre homens e mulheres que desempenham uma mesma função e um mesmo cargo, bem como outros direitos, como por exemplo a criação de creches que possam atender as mulheres que tem filhas/os precisam e/ou querem trabalhar.

No nosso terceiro e último objetivo específico, que foi detectar as principais contribuições que as meninas do 3º ano do Ensino Médio alcançaram no Ensino Médio (sala de aula) sobre feminismo. Nesse sentido, percebemos uma ausência de discussões propostas pela escola, mas que mesmo rara, essa discussão já

começa a acontecer. E o quão importante é que haja a inclusão dos temas de gênero e feminismo no cotidiano curricular das escolas, tanto para fazer valer o que dizem as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, quanto para suprir as necessidades das/os estudantes de conhecer e se apropriar dos temas.

Com base no Método do Caso Alargado, buscando responder nosso objetivo geral, que foi conhecer que compreensões sobre feminismo que as meninas constroem em suas trajetórias até o Ensino Médio. Compreendemos que as discussões de gênero e feminismo ainda são muito pouco exploradas nas escolas, onde muitas/os estudantes não veem esses temas presentes e não formam uma concepção, ou formam concepções deturpadas, com base em informações de fontes duvidosas, como algumas que encontramos facilmente na internet.

As concepções das estudantes sobre feminismo se dão através de buscas pessoais das mesmas, no seu cotidiano, na internet, em conversas com amigas, em reportagens, entre outras fontes, por serem elas os sujeitos que estão convivendo com o tema cotidianamente, de forma direta, sofrendo as opressões, injustiças e violências que o machismo proporciona. Através disso, essas estudantes questionam a escola, exigem que esse tema seja debatido, seja vivenciado, mesmo que essa exigência não se dê através de um questionamento direto à escola, mas a partir do momento que elas iniciam um debate que pautar o feminismo, as relações de gênero, a mulher no mercado de trabalho, essa exigência está se fazendo presente.

Nos cabe aqui também apontar futuras possibilidades de pesquisa, que poderão abarcar características que não foram contempladas nesse trabalho, por não serem aquilo que ponderaríamos ao longo dele. Como por exemplo, podemos pensar em uma pesquisa futura que tratasse das escolhas profissionais dessas meninas que estão findando a educação regular e adentrando as universidades e cursos técnicos. Que escolhas essas meninas estão fazendo? Essas escolhas são baseadas em que? Será que as relações de gênero são um norteador para essas escolhas?

Queremos findar nossas considerações ponderando sobre a experiência de realizar esta pesquisa para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, sendo este um momento de crescimento como pesquisadora, com uma significativa construção de conhecimento acerca do tema de gênero e feminismo, e, também, uma experiência significativa no âmbito pessoal, visto que os conhecimentos aqui construídos nos afetaram e afetarão nas relações pessoais e profissionais a partir daqui.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Abril Cultural/ Brasiliense, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394/96 – 20 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2000.

DESLANDES, S. F. **A Construção do projeto de pesquisa**. In: MINAYO, M. C. (Org.) Pesquisa Social. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 80p. p.31-50.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º edição, São Paulo, 2008.

LAGE, Allene. **Lutas por Inclusão nas Margens do Atlântico**: um estudo comparado entre as experiências do Movimento dos Sem Terra/Brasil e da Associação In Loco/Portugal. Tese de doutorado. Volume II – Diários do Trabalho Empírico. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Economia, 2005.

_____. **Educação e Movimentos Sociais**: caminhos para uma pedagogia de luta. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2013.

_____. **Orientações epistemológicas para pesquisa qualitativa em educação e movimentos sociais**. In: Anais do IV Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares: Diferença nas Políticas do Currículo. João Pessoa; UFPB, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Técnicas de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MEYER, Dagmar. SOARES, Rosângela. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

MINAYO, M. C. S; SOUZA, S. F; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis-RJ, vozes, 1993.

MORAES, Magali Saquete Lima. “Falando de Gênero. In: **La Salle – Revista de Educação, Ciência e Cultura**. v. 13, nº 2, jul.dez. 2008.

ROSA, Graciélma de Fátima. O corpo feito cenário. In: MEYER, Dagmar. SOARES, Rosângela. **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 17-30.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Os conflitos urbanos no Recife: o caso do Skylab**. In: Revista Crítica, nº 11, maio, p. 9-59. Coimbra: CES, 1983.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.